

Um freio de arrumação

165

VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

O governo vai usar todos os instrumentos disponíveis para conter o consumo das famílias — hoje, a principal ameaça à inflação — para que o Banco Central não seja obrigado a aumentar a taxa básica de juros (Selic), que, desde setembro do ano passado, está em 11,25%. Os alvos preferenciais para o que o ministro da Fazenda, Guido Mantega, chama de “freio de arrumação” da economia serão o crédito e os investimentos. De um lado, a meta é reduzir, para no máximo 36 meses, os prazos de pagamento dos empréstimos e dos financiamentos,

sobretudo os de automóveis, que chegam a até 99 meses. De outro, o objetivo é convencer as empresas a ampliarem os investimentos nos parques produtivos para que mais mercadorias sejam ofertadas aos consumidores.

A ação comandada por Mantega para manter o crescimento sustentado começará na segunda-feira. O ministro chamou representantes do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS) para um encontro em Brasília. Ele quer saber por que os preços do aço subiram tanto, quais as previsões para a produção do setor e se há riscos de escassez do produto, consumido principalmente pela indústria automobilística, cujas vendas crescem acima de 30%, tornando-se um dos principais focos de inflação. Na quarta-feira, a conversa será com os presidentes dos principais bancos do país. Entre as instituições privadas, já confirmaram presença Márcio Cypriano, do Bradesco; Roberto Setúbal, do Itaú; e Fábio Barbosa, do Santander-Real e comandante da Febraban, a federação do setor. Entre os bancos públicos, estarão presentes Antônio Lima Neto, do Banco do Brasil, e Maria Fernanda Coelho, da Caixa Econômica Federal. Na sexta-feira, em São Paulo, Mantega falará com empresários ligados ao Instituto Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi).

O foco mais imediato, no en-

tanto, é o crédito. É que tanto a Fazenda quanto o Banco Central — que ampliou em 41% o número de conglomerados financeiros a serem fiscalizados neste ano por causa da expansão de financiamentos — temem que o excesso de facilidades oferecidas por bancos e financeiras resultem em escassez de produtos e, mais à frente, em uma bolha semelhante à do mercado imobiliário que levou a economia dos Estados Unidos para a recessão e deixou um rastro de prejuízos pelo mundo.

Na avaliação de Mantega, ao reduzir os prazos dos financiamentos, o valor das prestações aumentará, inibindo o crédito, uma das principais molas do forte crescimento econômico de 2007. Para o brasileiro, na hora de comprar a prazo, o que importa é se as mensalidades cabem no bolso e não se as taxas de juros são baixas ou altas. O ministro acredita que contará com a compreensão dos bancos para a redução dos prazos dos crediários até que demanda e oferta de mercadorias estejam equilibradas. “Estamos agindo para encontrar os remédios adequados, de prevenção. Não queremos que seja um processo de quimioterapia, brusco. Vamos ouvir todos para tomar medidas setoriais e pontuais, sem que seja necessário colocar o pé no freio”, destacou, por meio de assessores, o ministro, que não quer ver se repetir o que ocorreu em 2004, quando o BC

foi obrigado a elevar os juros e a atividade teve forte desaceleração.

Problemas à frente

A preocupação da equipe econômica não é com este ano, que, segundo Mantega, já está “dado”. Mas com 2009 e 2010, quando os problemas com a inflação tendem a se agravar — os alimentos vão continuar muito pressionados, como mostraram os Índices Gerais de Preços (IGPs) — e quando se espera uma onda de inadimplência caso o consumo das famílias continuem avançando a um ritmo de 7,5%, como se viu em janeiro e fevereiro deste ano. “Não é o que queremos. Essa velocidade de crescimento da demanda não é saudável”, disse Mantega, que já conversou com o presidente Lula sobre suas preocupações.

Para ele, o ideal é que o consumo cresça em torno de 5%, próximo ao incremento do Produto Interno Bruto (PIB), de forma que a inflação fique ancorada no centro da meta perseguida pelo BC, de 4,5%. No entender do ministro, com crédito mais restrito, a demanda interna tende a se acomodar, permitindo que os investimentos realizados nos últimos anos para a ampliação do parque produtivo madurem. “Há hoje um descompasso entre produção e consumo. E o que queremos é equilibrar o jogo”, assinalou. No ano passado, os investimentos cresceram 13,4% em 2007.

Kleber Lima/CB - 4/3/08

MANTEGA TERÁ TRÊS REUNIÕES COM SIDERÚRGICAS, BANCOS E INDÚSTRIAS

Lulud/Especial para o CB - 27/4/07



MÁRCIO CYPRIANO, PRESIDENTE DO BRADESCO, MAIOR BANCO PRIVADO DO PAÍS, CONFIRMOU PRESENÇA NA REUNIÃO